

O discurso interjeicional

Minha mãe falava muito por ditados, e um deles era: o pior cego é aquele que não quer ver.

Um bom exemplo disso está no evangelho, quando alguns, embora reconhecendo os milagres de Cristo, exclamavam: é por força do demônio que ele os faz.

Pensando nessas coisas, chego à conclusão de que não é o sentimento que nos une: é a palavra. Só a palavra é capaz de criar consensos, identidades, perspectivas. Só a palavra é capaz de verbalizar diferenças e abrir caminhos.

São três, tenho repetido, as maiores invenções da humanidade: o indivíduo, a linguagem e a política.

A palavra sinaliza a passagem da guerra para a política.

Bem por isso, rejeitar a palavra – quer dizer, colocar-se no plano do ilógico – é afastar-se do humano, recair na linguagem interjeicional.

A interjeição – o primeiro sinal vocal expressivo – criou-se para manifestar sentimentos e emoções. Mas não mais do que isso. Ela está na fronteira entre o cinzento e o claro, entre o espanto e o entendimento, entre a emoção e a lógica. Situa-se, portanto, na infância da inteligência.

A poesia, tentativa de transcender esse abismo, é, por isso, a apoteose da palavra, a verdadeira engenharia do humano, ao fundir emoção e razão.

Acho que meu amigo Sérgio Paolozzi estava certo, ao escrever em seu bloco de notas:

“Brucutu só batia.

mas tendo encontrado

um símio de igual tamanho,

precisou dizer: uh!?”

Vejo o quanto ele se preocupava com isso quando, ao tratar das trocas entre o corpo (R.) e o pensamento, escreveu algo intitulado “flatus vocis”:

R. também gosta de invadir
minha atividade cerebral,
escolhendo, para isso,
quando estou desprevenido,
como no sono,
ou fragilizado, como na doença.
assim, não posso ter certeza
sobre os meus pensamentos,
que, não sei por que artes,
ele aprecia adular.
somente os sábios
conseguem distinguir
uma frase de um arroteio:
um eflúvio corporal,
em que as palavras
não passam de letras
no papel.